

## APRESENTAÇÃO

# DITADURA E ESTADO AUTORITÁRIO

**Thasio Fernandes Sobral**

Universidade Federal da Bahia

**Carlos Zacarias de Sena Junior**

Universidade Federal da Bahia

**Marcelo da Silva Lins**

Universidade Estadual de Santa Cruz

Uma frase atribuída ao ex-primeiro ministro britânico Winston Churchill diz que “a democracia é a pior forma de governo, à exceção de todas as demais”. É difícil mensurar a preocupação que se tem com a democracia assim tomada em abstrato, ainda mais quando se usa a palavra sem adjetivações. Como historiadores sabemos que não há “democracia” sem um contexto específico, não obstante todos farejamos quando ameaças pairam sobre as liberdades e os preceitos fundamentais de um regime fundado com as revoluções burguesas que, apesar de tantas idas e vindas, parece ser algo pelo que se deve lutar.

O tema da democracia e, daquilo que se supõe ser o seu oposto, as ditaduras, foi frequentemente revisitada no último decênio, quando a ameaça de golpes de Estado e a ascensão de governos autoritários alcançou diversos países. Sem se importar se são da dita civilizada Europa ou da celebrada “maior democracia do mundo”, a estadunidense, a emergência de governantes com evidentes traços autoritários acendeu o alerta das instituições, das classes dirigentes e de estudiosos, que passaram a chamar a atenção para o fato de que as democracias como são conhecidas estão sob o risco de desaparecer. Frente a esse quadro, que necessariamente inspira cuidado e preocupação, floresceu uma literatura dedicada a

escrutinar os meandros das potenciais ameaças à democracia liberal burguesa, buscando entender as razões dos seus atuais impasses.

Da lavra recente de politólogos, sociólogos, filósofos, por vezes até de psicólogos e juristas, diz-se das democracias que chegam ao fim, das que morrem, daquelas que tem o povo contra si, dos movimentos que vão na contramão da liberdade, das ditaduras que transitaram à democracia sem acertarem as contas com o passado através de uma justiça de transição e, sobretudo, acende-se o alerta para o discurso autoritário, o extremismo de direita, as ameaças militares e até mesmo a reemergência do discurso fascista. Cada frente de estudiosos tem se dedicado como pode, com suas ferramentas analíticas e conceitos cunhados ao longo do tempo, à tentativa de deslindar o fenômeno.

Nesse território fértil de estudos, embora por vezes árido de perspectivas e incontornavelmente eivado de embates políticos, quando por vezes os que tem por tarefa interpretar o mundo são também fustigados a transformá-lo, como sugeriu Marx, os historiadores, como não poderia deixar de ser, têm dado uma contribuição fundamental para a compreensão do fenômeno. Quer seja com o instrumental da História do Tempo Presente, ou então revisitando períodos históricos marcados pela *debacle* da democracia e que viram emergirem governos autoritários, os historiadores têm se dedicado ao necessário trabalho de explicar o passado para melhor dotar o presente de condições para evitar que aquilo que se entende como o mal se repita.

Imbuído desse espírito, que poderíamos atribuir ao *zeitgeist*, a revista "Veredas da História" oferece ao leitor o dossiê "Ditadura e Estado autoritário", em que diversos autores e autoras se dedicam a pensar o passado, movidos por inquietantes perguntas do presente. O dossiê começa com Marcelo Lima Costa (IEMA), que, através do artigo "SÃO LUÍS EM TEMPOS DE 'MILAGRE': MODERNIZAÇÃO URBANÍSTICA, AUTORITÁRIA E INACABADA SOB O GOVERNO JOSÉ SARNEY (1966-1970)", buscou desvelar as contradições em torno dos projetos de modernização da capital maranhense, problematizando os discursos ao redor das obras feitas, no período, na cidade.

Após esta contribuição, o texto "O VELHO É O NOVO NOVO: *FASHWAVE* E O FASCISMO", de Maria Perla Araújo Morais (UFMT) e Frederico José Andries Lopes (UFMT), busca, de modo crítico, refletir sobre os aspectos estéticos e discursivos em

torno do movimento *flashwave*, problematizando os usos políticos de movimentos artísticos do passado e do presente para a propagação de ideais conservadores e fascistas.

Como continuação desta jornada, a produção "O COMPORTAMENTO ELEITORAL NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE ALAGOINHAS NA DITADURA CIVIL-MILITAR (1964–1985)", de Caliel Alves dos Santos (UNEB), fez uma análise da forma como o eleitorado alagoinhense agiu durante as eleições no período ditatorial, trazendo contribuições relevantes para se pensar como estes movimentos e interações ocorriam em cidades do interior baiano.

Já Pedro Henrique da Silva Oriola Cardoso (UFRJ), no artigo "A REPRESSÃO DURANTE A TRANSIÇÃO (1974-1979) E A 'INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES': AS BASES DA CONTRARREVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA (1974-1988)", buscou questionar as políticas de transição e discutir os movimentos políticos em volta do retorno democrático enfrentado pelo Brasil durante a década de 1970.

Em sentido continuado, Caroline Rios Costa (UFRJ), em "A CORDA BAMBA E A DEMOCRACIA EQUILIBRISTA: A JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO À BRASILEIRA E AS POLÍTICAS DE REPARAÇÃO", apreendeu uma análise das políticas de reparação no país, bem como discutiu os conceitos de justiça de transição, ausente no Brasil, entre o período posterior ao fim da Ditadura militar até a década de 2010.

Por último, o artigo "CAPAS DA MILITIA: REPRESENTAÇÕES DA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO", de Silvane Ribeiro Gonçalves (UNICENTRO) e Rosemeri Moreira (UNICENTRO), que fizeram uma análise documental de uma revista militar, a fim de investigar os símbolos de masculinidade e os discursos em torno do gênero presentes em suas capas, bem como compreender de qual forma estes signos buscavam enaltecer a instituição e um passado supostamente heroico.

Com estas contribuições, esperamos que seja possível elaborar vívidas reflexões acerca de porque devemos bradar "Ditadura nunca mais, Democracia para sempre!"